

**Área temática: Estudos Organizacionais**

**Título do Artigo: Análise das violências simbólicas vivenciadas por lésbicas de Juiz de Fora**

**AUTORES**

**HENRIQUE LUIZ CAPRONI NETO**

Universidade Federal de Juiz de Fora

henriquecap\_adm@yahoo.com.br

**RENATA DE ALMEIDA BICALHO PINTO**

Universidade Federal de Juiz de Fora

rabicalho@yahoo.com.br

**Resumo:**

O objetivo do presente artigo é analisar a vivências de lésbicas com destaque para o ambiente de trabalho, com base na perspectiva da violência simbólica. Revisitamos as pesquisas realizadas em território nacional sobre a diversidade sexual no trabalho e abordamos trabalhos sobre a violência simbólica e sua relação com os não heterossexuais, e sobre a homossexualidade feminina. É uma pesquisa qualitativa com sete mulheres lésbicas e uma bissexual de Juiz de Fora - Minas Gerais. A coleta de dados foi realizada através da história oral e os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo qualitativa com foco no ambiente social e no ambiente de trabalho. De modo geral, evidenciamos a violência simbólica por meio de estereótipos, pela visão da lesbianidade como objeto de fetiche masculino, pelo preconceito diante dos relacionamentos lésbicos, pela invisibilidade e pela não aceitação daqueles que fogem ao padrão heterossexual valorizado. Considerando o trabalho, as violências simbólicas são extremamente sutis e ocorrem como no caso da internalização do ponto de vista que desqualifica os não heterossexuais, avisos relacionados com normas de comportamento, o agir pelo “não dito”, algumas questões e indiretas que remetem aos estigmas das não heterossexualidades e aqueles associados às homossexuais femininas.

**Palavras chave: Violência simbólica, trabalho, lésbicas**

**Abstract**

The purpose of this paper is to analyze the experiences of lesbians with emphasis on the workplace, from the perspective of symbolic violence. We revisit the research in the country about sexual diversity in the work and approach works on the symbolic violence and its relation with non-heterosexual, and on female homosexuality. It is a qualitative study of seven lesbians and one bisexual Juiz de Fora - Minas Gerais. Data collection was performed by oral history and the data were treated by means of qualitative content analysis focusing on the social environment and the workplace. In general, we noted the symbolic violence through stereotypes, by the vision of lesbianism as an object of male fetish, prejudice on relationships lesbians, by stealth and by non-accepting those fleeing the heterosexual pattern valued. Considering the work, the symbolic violence are extremely subtle and occur as in the internalization of the view that disqualifies non-heterosexual, warnings related to standards of behavior, action by the "unsaid", and indirect questions that refer to the stigmas of non heterosexuality and of those associated with female homosexuals.

**Key words: symbolic violence, work, lesbians**

## 1. Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar a vivências de lésbicas com destaque para o ambiente de trabalho, com base na perspectiva da violência simbólica.

Destacamos que os estudos sobre a diversidade sexual nas organizações e no meio acadêmico em administração são recentes, mas é um assunto relevante ao envolver aspectos, como ética, justiça organizacional, equidade, políticas de diversidade, satisfação e bem-estar no trabalho. A homossexualidade, no contexto do trabalho, foi pouco estudada pela ciência tanto que falar ou discutir sobre ela continua sendo um tabu, além disso, talvez o tipo de diversidade mais difícil de tratar nas organizações seja exatamente a referente à homossexualidade (SIQUEIRA & ZAULI-FELLOWS, 2006). Ademais, são escassos principalmente os estudos envolvendo as homossexuais femininas no ambiente laborativo.

A sessão seguinte se dedicará às pesquisas nacionais com enfoque nas não heterossexualidades e no trabalho. Em seguida, abordaremos a violência simbólica considerando as não heterossexualidades, bem como a homossexualidade feminina. Após, demarcaremos a metodologia e realizaremos a análise dos dados. Por fim, traremos algumas considerações sobre esse estudo.

## 2. Diversidade Sexual nas Organizações

Esta seção tem como objetivo demonstrar o “estado da arte” de estudos brasileiros direcionados para o tema da diversidade sexual com foco no mundo do trabalho e nas organizações.

Um dos principais autores com dedicação a esse tema é Irigaray (2007) que se envolveu em uma pesquisa sobre as estratégias e os comportamentos de homossexuais masculinos nas organizações. Assim, entrevistou homossexuais do Rio de Janeiro e de São Paulo que foram agrupados em três categorias de indivíduos homo ou bissexuais: os totalmente assumidos, os parcialmente assumidos e os não assumidos. Os totalmente assumidos não escondem sua orientação sexual em nenhum aspecto da vida social, cabe destacar que são a minoria dos entrevistados. Já os parcialmente assumidos podem ser heterossexuais organizacionais (assumidos para a família e amigos, mas não no ambiente de trabalho) ou heterossexuais funcionais (assumidos apenas para um pequeno grupo de amigos e não assumidos para a família e colegas de trabalho). E por fim, aqueles não assumidos, que podem ser considerados heterossexuais sociais uma vez que, de modo geral, possuem uma vida dupla, tendem a evitar o contato público com outros homossexuais, são sexistas e homofóbicos. Sobre as estratégias de sobrevivência, os totalmente assumidos optam pelas estratégias de “gladiadores” ou de “pacificadores” ao passo que os parcialmente assumidos adotam as estratégias de “gente boa” ou “super homens”. Já os não assumidos podem agir de acordo com três estratégias: “machões”, “sedutores” e “invisíveis”.

Os totalmente assumidos, ao adotar a estratégia de “gladiadores”, buscam lutar por seus direitos e adotam uma posição de enfrentamento. Porém, ao adotar a estratégia de “pacificadores”, visam evitar conflitos, serem simpáticos, bem humorados, cooperativos e dispostos a trabalhar em equipe.

Os parcialmente assumidos, ao adotar a estratégias de “gente boa” (semelhante à dos “pacificadores”), visam serem bons colegas e bem humorados, contudo com o objetivo de desviar qualquer atenção sobre sua orientação sexual. Já aqueles que adotam a estratégia de “super homem”, se dedicam totalmente ao trabalho para que, com isso, possam evitar qualquer discussão sobre sua sexualidade.

Por sua vez, os não assumidos, ao adotar a estratégia de “machão”, evitam o contato com indivíduos relacionados ao universo *gay*, são homofóbicos, sempre falam sobre mulher e futebol, dessa forma, associam masculinidade com o estereótipo do macho latino grosso e tosco. A estratégia de “sedutor” está relacionada ao imaginário de *Don Juan*, na qual os

indivíduos realizam constantes galanteios às mulheres e afirmações constantes de suas aventuras e dotes sexuais. E, finalmente, a última estratégia adotada é a do homem “invisível”, na qual buscam chamar o mínimo de atenção, preferem serem vistos como tímidos.

Com destaque para a situação dos homossexuais masculinos no ambiente de trabalho e para o “sair do armário” nas organizações, Ferreira e Siqueira (2007) observaram que ambientes mais favoráveis à diversidade atuam positivamente para o processo de assunção da homossexualidade, enquanto que, ambientes mais rígidos, inflexíveis e não aberto à diversidade, favorecem para que o homossexual não se assuma. A decisão de permanecer no “armário” é decorrente de que os homossexuais, tendo revelado sua orientação sexual, serão foco de piadas, chacotas e “brincadeiras”, que impactarão negativamente em suas relações interpessoais no ambiente de trabalho. Além disso, impacta nessa decisão, a crença de que tendo revelado sua orientação, não terão oportunidades de crescimento e ascensão profissional.

Tratando da homofobia e da violência no ambiente de trabalho, Siqueira et all (2009), por meio de pesquisa com homossexuais masculinos no Distrito Federal, verificaram, além da omissão dos superiores hierárquicos, diferentes formas de violência moral para com os homossexuais, por meio de ações diretas ou veladas de agressão, como perseguição por chefes e colegas, punições, sabotagem no trabalho, barreiras para progressão na carreira, divulgação da orientação sexual, piadas homofóbicas, etc. Em face disso, os autores destacam a homofobia como um problema tanto social como organizacional e que as organizações busquem prevenir e combater a discriminação, bem como, a qualquer forma de violência moral no trabalho.

Considerando especificamente o setor bancário, Garcia e Souza (2010) pesquisaram a vivência de discriminação de oito homossexuais trabalhadores de bancos públicos e de dois de bancos privados. Concluiu-se que a discriminação direta é mais forte no banco privado do que nos bancos públicos, posto que se trata da discriminação relacionada com a falta de benefícios para os que possuem relações homoafetivas estáveis no caso do banco privado, já no caso dos bancos públicos a discriminação direta é a relacionada com a falta de clareza nos procedimentos sobre esses benefícios ou nas diferenças entre os benefícios proporcionados aos homossexuais e aos heterossexuais. Porém, as discriminações indiretas incomodam mais os referidos trabalhadores. Essas discriminações indiretas ocorrem de vários modos como: piadas sobre os homossexuais; isolamento de modo que tenham pouco contato com os clientes e outros empregados; condições de trabalho inferiores às destinadas aos outros empregados; exclusão da participação de grupos informais e de atividades fora do ambiente dos bancos; brincadeiras, fofocas, ironias sobre os modos que andam, falam, gesticulam ao estarem ausentes; xingamentos em virtude de uma suposta relação entre feminilidade e homossexualidade masculina (“veadinhos”, “moçinhas”); dificuldades de crescimento na carreira; e dificuldade de contratação, por gerentes de bancos privados, de homossexuais efeminados.

A relação entre o humor e as manifestações de discriminação nas organizações foi estudada por Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010) por meio de entrevistas com homossexuais e heterossexuais residentes. Em síntese, os pesquisadores notaram que os heterossexuais utilizam o humor para desqualificar profissionalmente homossexuais femininos e masculinos, logo é um limitador para o crescimento dos últimos no ambiente organizacional. Além disso, o humor (com expressões de ironia, comicidade e piadas) naturaliza a homofobia, posto que rir dos homossexuais é respaldado pela sociedade, o que acarreta em desrespeito perante os mesmos. Ademais, verificaram que principalmente os homossexuais masculinos também se valem do humor como forma de discriminação sobre si próprios e como elemento de socialização, tanto no grupo homossexual como no grupo heterossexual, com o objetivo de

inserção social ou de aproximação. Contudo, enfatizam que independente da função social do humor, este é fonte de sofrimento para os homossexuais ao demonstrar sua rejeição e exclusão na sociedade e nas organizações (IRIGARAY, SARAIVA, CARRIERI, 2010).

Sobre a discriminação exercida pelos homossexuais, Souza e Pereira (2010) realizaram pesquisa com oito homossexuais masculinos, a qual demonstrou que os homossexuais “definem” quais seriam os comportamentos aceitáveis para os homossexuais, de acordo com os tipificados como masculinos (aceitos) e os tipificados como femininos (rejeitados), o que demonstra a discriminação perante os homossexuais efeminados. Assim, salientam que “existe uma naturalização do modelo heterossexual pelos homossexuais e uma tentativa de estabelecer regras de funcionamento similares às do heterossexualismo” (SOUZA & PEREIRA, 2010, p. 10).

Os pesquisadores enfatizam que há dois fatores a serem considerados quando os homossexuais discriminam e repudiam pessoas efeminadas, o primeiro é reafirmar que a efeminação está presente em todos os homossexuais, e isto os torna seres inferiores na escala social, o que reforça a ideia de identidade homossexual. O segundo fator é que os entrevistados não são inferiores, posto que não apresentam tal característica. Dentre os pesquisados, a repulsa à efeminação é tão forte que, mesmo muitos tendo um comportamento feminino, preferem não se ver com essa característica sendo que este movimento é realizado para que possam se ver como “normais”. Alguns entrevistados, em virtude do conceito de identidade de grupo, consideram os heterossexuais, pessoas sem cultura, com problemas de educação e incompetentes profissionalmente ao serem comparados aos homossexuais. Por fim, os autores ressaltam que, dessa forma, a homofobia não é comportamento apenas dos heterossexuais, mas também dos homossexuais. Destarte, acreditam que para se acabar com a discriminação, deve-se desnaturalizar e desconstruir a oposição binária/identitária entre homossexuais e heterossexuais.

Tratando do ambiente de trabalho, homossexuais femininas de diferentes perfis foram entrevistadas, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por Irigaray e Freitas (2009) os quais observaram, de modo geral, que elas são vítimas de discriminação nas organizações tanto de modo explícito como implícito inclusive por meio das manifestações de humor e de informalidade. Contudo, o processo de discriminação pode ser atenuado quando elas possuem maior poder aquisitivo, pele branca ou conformidade com os padrões estéticos. É importante ressaltar alguns fatores que tornam o ambiente de trabalho mais confortável, na visão das entrevistadas: a organização implementar de fato políticas visando o respeito à diversidade; trabalhar com colegas abertos à diversidade e que não realizam comentários jocosos ou piadas; e, trabalhar com outras pessoas, especialmente chefes, de mesma orientação sexual.

As travestis e as transexuais enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, conforme pesquisa de Irigaray (2010) com 10 travestis e quatro transexuais na cidade do Rio de Janeiro, a maioria delas não consegue uma posição no mercado de trabalho formal em decorrência da discriminação e estigmatização das quais são vítimas. Por não terem apoio da sociedade e da família, para sobreviver, boa parte delas já se prostituiu ou ainda o faz. Geralmente, aquelas que não estão no mercado da prostituição, trabalham em estabelecimentos GLS ou em salões de beleza. No mercado de trabalho formal, travestis e transexuais ocupam posições operacionais, em setores específicos como entretenimento, lazer e beleza, uma vez que possuem pouca educação formal. As poucas que conseguem trabalhar em organizações, inclusive naquelas que adotam políticas de diversidade, são vítimas de agressão, intolerância e forçadas a utilizar a identidade social masculina.

Irigaray (2010) salienta ainda que da análise dos discursos das entrevistadas, três categorias foram observadas: rejeição, violência e transitoriedade. A categoria de rejeição se remete às interações familiares e sociais (principalmente a escola). A categoria de violência também está relacionada com a categoria de rejeição, tendo em vista que todas disseram terem

sido agredidas por parentes, professores, colegas de escola e desconhecidos. E a categoria de transitoriedade se remete à dificuldade de estabelecer relações afetivas sólidas. Destarte, em face das violências às quais as travestis estão expostas, o autor defende que elas sejam também incorporadas nas discussões sobre diversidade nas organizações.

Observamos que as pesquisas relacionadas com a diversidade sexual no contexto laborativo têm se dedicado com maior frequência ao homossexual masculino, assim seriam interessante pesquisas relacionadas com outros sujeitos como lésbicas, travestis e transexuais. Além disso, demonstram a discriminação, a homofobia, a valorização do heterossexual, a desigualdade no tratamento, a dificuldade de crescimento na carreira etc. experimentados no trabalho. Nesse esteio, a presente pesquisa busca analisar as vivências de lésbicas com base na violência simbólica e contribuir com a discussão sobre as mesmas no ambiente de trabalho.

### 3. Violência Simbólica e não heterossexualidades

A violência simbólica é caracterizada por Bourdieu (2003, p. 7) como uma violência “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última estância, do sentimento”. Há uma inequívoca relação entre a violência simbólica e o poder simbólico considerado o

poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de uma «illocutionary force» mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 2002, p. 14-15).

Nesse esteio, evidencia-se a relação entre a violência simbólica e as estruturas de dominação historicamente construídas, nesse sentido, agentes como as instituições, as famílias, a Igreja, a Escola, o Estado e os homens - por meio da violência física e da violência simbólica - contribuem para a reprodução das estruturas de dominação, de tal modo que o dominado assume o ponto de vista do dominante, pois

a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimentos que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) resultam da incorporação de classificações assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2003, p.47).

Na relação entre a violência simbólica e as minorias, Rosa e Brito (2009) ressaltam que ela atua conservando os padrões dominantes e preservando a estabilidade do campo, posto que intentar garantir a dominação daqueles possuidores de posições de destaque nesse espaço e, assim, subjugar as minorias que se inserem no mesmo espaço. Assim,



a *doxa* (cultura dominante legítima e compartilhada pela maioria - esta no sentido sociológico do termo) opera uma ação pedagógica no sentido de inculcar nesse exemplos (mulheres, negros e homossexuais) a “cultura oficial”, violentando seu *habitus* primário, obrigando-os a (des)assumirem determinados comportamentos ou atitudes (in)compatíveis com a *doxa* organizacional. Estar submetido ao processo pedagógico descrito e aceitá-lo como legítimo, incorporando seu “arbitrio cultural” como verdade e assumindo posturas morais e corporais segundo sua *doxa*, consiste em submeter-se a uma violação do *habitus* primário, uma violação da subjetividade pregressa em prol de uma nova disposição durável, de um novo espírito, um novo modo de pensar (*ethos*) e agir (*héxis*). Em outros termos, significa estar submetido à violência simbólica, subjacente à construção de um novo *habitus* (ROSA & BRITO, 2009, p. 641).

Com relação à dominação simbólica e os homossexuais, nota-se a discriminação sofrida pelos mesmos, além da estigmatização e a invisibilidade a que estão submetidos, haja vista que

a forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor (BOURDIEU, 2003, p.143).

Logo, considerando a construção social das sexualidades, a heteronormatividade e a discriminação como manifestações de violência simbólica, Borillo (2010) defende que a diferença entre homossexualidade e heterossexualidade tem por objetivo ordenar um regime das sexualidades de tal modo que os comportamentos heterossexuais seriam qualificados como modelo social e como referência para qualquer sexualidade. Assim, a divisão dos gêneros e o desejo heterossexual não se trata de um dispositivo de reprodução biológica da espécie, mas se tratam de um dispositivo de reprodução da ordem social. Nessa direção, Toledo e Teixeira (2011, p. 41) notam a respeito dos termos “lésbica e homossexual feminina” os quais tem por origem a desqualificação de mulheres que fogem à norma heterossexual tendo em vista que “a necessidade de rotulações, a criação de identidades é pautada principalmente na diferenciação por parte da cultura dominante para inferiorizar as pessoas que não seguem o padrão classificado como saudável-natural-santificado”.

Analisando a construção sócio-histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre as mulheres, Toledo e Teixeira (2011) notam que foram sendo construídas “verdades” a respeito das lésbicas, associadas a estigmas e estereótipos demonstrando a lesbianidade ora com o caráter de aberração ora com o caráter de ilegitimidade posto que muito do que se diz a respeito das lésbicas está relacionado com o machismo ou com a heterossexualidade compulsória na sociedade. Tais estigmas sobre essa identidade evidenciam uma visão machista na qual as lesbianidades são encaradas como espetáculos pornográficos para os homens, também demonstram a lésbica como a “machona” ou aquela heterossexual frustrada e feia que não desejada pelo homens acaba se relacionando com mulheres como uma segunda alternativa. Diante disso, Toledo e Teixeira (2010, p. 731) destacam o estigma relacionado às lésbicas em virtude da valorização do modelo heterossexual:

Desse modo, o que diverge dessa norma é então classificado como imoral, desviante, aberração, doença, pecado e/ou é invisibilizado.

Por isso, crê-se que um dos motivos de uma mulher se relacionar com outra seja devido a uma “falha” na experiência afetivo-sexual com homens. São diversas as versões discursivas e explicativas do mesmo tema. Dentre elas, há a hipótese sobre a frustração amorosa com um homem infiel ou que feriu física ou sentimentalmente a companheira – uma extensão disso é a existência de um “trauma”, seja na infância, seja na adolescência ou vida adulta, geralmente no âmbito sexual: abuso sexual, violência sexual, estupro; e por último, a proposição da mulher pouco atraente que os homens não quiseram.

É importante considerar que a escolha por assumir socialmente uma identidade lesbiana, tida como estigmatizadora, raramente se efetiva, cabendo às lésbicas conciliar uma vida pública heterossexual e uma vida privada homossexual, sendo que “no mundo heterossexual, necessitam ‘passar por héteros’ ou pelo menos ‘desenvolver uma representação que as defina como fêmeas’”, isso tendo em vista que “em uma sociedade heterocentrista, qualquer atitude que afaste um ser humano nascido com o sexo feminino de seu papel de gênero de mulher é vigiada e cobrada” (GOMIDE, 2007, p. 407), ademais “os sujeitos que decidem adotar uma identidade diferenciada são obrigados a lidar com a discriminação da heterossexualidade normativa” (idem, p. 410).

Além disso, a condição lesbiana é ainda mais desfavorável, se comparada com das outras formas de homossexualidade, tendo em vista que as lésbicas “são duplamente dominadas, mesmo dentro de um movimento que comporta 90% de gays e 10% de lésbicas e é ainda marcado por uma forte tradição masculinista” (BOURDIEU, 2003, p. 148). Socialmente, “num mundo dividido entre homens e mulheres, os pederastas pretendem um lugar no mundo dominante dos homens, ao qual pertencem. Seus problemas de inserção e aceitação social não integram a realidade vivida pelas mulheres lesbianas, duplamente discriminadas” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 67).

#### **4. Metodologia**

É uma pesquisa com metodologia qualitativa tendo em vista ser um assunto subjetivo relacionado com as vivências de violência relatadas por lésbicas com destaque para suas trajetórias profissionais, assim Haguette (2003, p. 63) destaca que a pesquisa qualitativa é útil ao se buscar “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo face à configuração das estruturas societais”.

A seleção das participantes deu por indicação e são sete mulheres lésbicas, consideradas aqueles que possuem desejos afetivos e sexuais por alguém do mesmo sexo e uma bissexual, aquela que apresenta desejos afetivos e sexuais por pessoas de ambos os sexos (PICAZIO, 1998). Elas possuem idade média de 32 anos, tempo de trabalho médio de 10 anos sendo que sete delas (incluindo a mulher bissexual) trabalham em organizações privadas e uma lésbica é profissional do sexo.

O método de levantamento dos dados utilizado foi a história oral com base em Meihy (1996, p. 13) o qual diz que a esse método está relacionado com a vida social das pessoas, é uma história do tempo presente e é conhecida por história viva, logo é uma “forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social”. Com relação especificamente à pesquisa organizacional e a história oral, Ichikawa e Santos (2006) destacam que as entrevistas obtidas por meio da história oral podem demonstrar a liberdade que as pessoas têm e elas auxiliam na observação do funcionamento dos sistemas normativos das organizações ao possibilitar que os excluídos sejam ouvidos. As entrevistas foram realizadas em Juiz de Fora – MG durante o segundo

semestre de 2011. A análise das entrevistas foi realizada através da análise de conteúdo temática e qualitativa conforme Bardin (2008).

## 5. Análise dos dados

A análise se dará por meio de duas categorias: uma relacionada com a violência simbólica no ambiente social e outra diretamente relacionada com o trabalho.

### 5.1 Violência simbólica e sociedade

Esta categoria está relacionada com as manifestações de violência simbólica no âmbito social, envolverá análises que tratam das homossexuais na sociedade, de sua aceitação ou não aceitação e de estereótipos. Primeiramente, trataremos da visão relacionada com a bissexualidade feminina na sociedade, conforme adiante:

A bissexual é vista como uma mulher devassa. O homo é visto como afeminado, como bichinha, mas se depois resolver ter um relacionamento heterossexual e casar, ele vira um homem respeitável. A mulher passa a vida inteira sendo julgada pelo o que ela fez sexualmente no passado dela, antes de casar e ter um relacionamento fixo. Então, a bissexual é sempre vista como uma mulher que algum dia vai voltar a fazer aquilo com seu parceiro, ela vai trair o parceiro porque ela sempre vai fazer algo ruim, ela sempre vai ser piranha, sem caráter, mal vista pela família. Claro que tem pessoas que veem a bissexual, não a bissexual, mas qualquer outra mulher que tem uma vida sexual posterior ao relacionamento fixo com tranquilidade, mas não mudou tanto assim até hoje. Você vê que existem homens que se preocupam com quantos parceiros a esposa transou antes dele do que se ela realmente o ama, se ela está satisfeita com ele. Às vezes, ela está mais satisfeito com ele do que com os outros parceiros, mas ele sempre vai ficar pensando que tem os outros parceiros. E a bissexual sempre passa por isso porque fazer sexo com alguém do mesmo gênero faz com que você seja diferente das outras mulheres. Se você é diferente sexualmente das outras mulheres quer dizer que você gosta de um monte de coisa. E se seu marido, seu namorado, a sua esposa, a sua namorada não puder dar para você o que você esta acostumado, você vai deixar de gostar dela ou dele e vai fazer com outras pessoas do lado de fora do casamento. Uma mentalidade muito normal. E quanto mais você gosta de coisas diferentes de que seu parceiro pode te oferecer, mais fácil você cometer esse deslize na cabeça de muita gente. Então, acaba que a gente passa por isso né. E é muito mais fácil de aceitar a traição do homem do que a traição da mulher porque a mulher, ela é feita para ser esposa, para ser fiel, para ser mãe e mãe não faz sexo (Entrevista de Bissexual Feminina).

Note a violência simbólica na fala da bissexual ao destacar que a sociedade a vê como uma devassa, ela compara a situação da bissexual com a do homossexual masculino e diz que a sua é pior, tendo em vista que há também a questão do preconceito à mulher, da submissão da mulher, do machismo e da misoginia. A visão da bissexual como mulher promíscua e não confiável seria muito disseminada na sociedade, não só da bissexual, mas de qualquer mulher que já teve uma vida sexual ativa antes do casamento. Além disso, o fato de ser bissexual torna essa questão da não confiabilidade mais forte posto que, no senso comum, a bissexual teria maiores chances de ser infiel por poder se relacionar com ambos os sexos. Diante disso, a entrevistada crê que a bissexual é sempre vista de uma forma mais crítica e negativa pela sociedade.

O próximo trecho remete à questão da aceitação da homossexualidade feminina:

Eu acho que com mais aceitação do que veria o gay mesmo, o homossexual masculino, porque a gente vive numa sociedade muito masculina. O poder é do homem, a decisão é do homem, tudo gira em torno da capacidade masculina. Com relação a minha sexualidade, o homossexual feminino, eu vejo muito pouca distinção até porque mesmo alguns homens se sentem atraídos por esse, até mesmo como um fetiche, veem como um fetiche a homossexualidade feminina. As mulheres também veem com pouco preconceito, com pouco medo. Então, eu acho que é mais aceitável entre aspas a homossexualidade feminina do que a homossexualidade masculina, porque o homem homossexual, ele é a bichinha, ele é o



afetado. Mulher não, a mulher, ela pode ser um pouco mais masculina, ela vai ser encarada como lésbica, ela vai ser vista, vão apontar ela como lésbica, claro. Mas ela não vai ser tão discriminada quanto um homossexual masculino (Entrevista da Lésbica um).

Na visão da entrevistada, o homossexual masculino sofre maior discriminação e violência do que a homossexual feminina, posto que nossa sociedade valoriza o masculino e o homossexual masculino acaba sendo depreciado por fugir a essa norma e é visto como a “bichinha”. Ressalta que ainda vai ser apontada com aquele estereótipo de “sapatão”, mas mesmo assim a violência é menor, talvez pelo fetiche em torno da figura das lésbicas. Pode-se relacionar a violência simbólica com a heteronormatividade ao tornar os relacionamentos afetivos e sexuais entre mulheres objetos de fetiche e desejo pelos homens, pois assim tais relacionamentos se tornam “aceitáveis”.

É interessante a comparação realizada pela lésbica, que também é profissional do sexo, em termos de violência e preconceito.

Tem preconceito de eu ser casada com mulher. O preconceito que a gente, que nós duas, é por a gente ser lésbica. O outro, eu nunca dei de frente com ele não. Todo mundo me trata bem. Ao contrário, todo mundo me adora aqui no (nome do bairro em que reside), tanto eu quanto a (nome da esposa), todo mundo gosta da gente. O outro, o outro não, o outro preconceito (Entrevista de Lésbica quatro).

A lésbica profissional do sexo destaca que sofre preconceito das pessoas em virtude de sua sexualidade e de seu relacionamento com outra mulher. Todavia, observa que, como profissional do sexo, não sofre preconceito. Isso também demonstra a violência simbólica e o estigma associado às não heterossexualidades posto que essa comparação pode estar relacionada com o machismo ao não discriminá-la por sua profissão de garota de programa, que geralmente realiza encontros com outros homens, e ao discriminá-la por seu relacionamento com outra mulher.

Já o seguinte relato envolve a questão da não aceitação da lésbica no bairro no qual reside.

**E assim, para você, hoje em dia, como que a sociedade vê a lésbica, vê uma mulher lésbica?**

Ela não aceita muito não. Não aceita não. Tem críticas ainda...

**Quando você fala que tem essas críticas, você está se referindo a preconceito?**

É preconceito, tem muito preconceito.

**Por que será que tem esse preconceito?**

Porque na cabeça deles, a mulher nasceu para ficar com homem e o homem nasceu para ficar com a mulher. Então, eles ficam... Eu já vi mito aqui no bairro o pessoal falando “mulher com mulher, homem com homem, porque não vai procurar um lugar para ficar, porque tem que ficar aqui”. Eu fico quieta né, porque eu moro com mulher (Entrevista de Lésbica cinco).

Nessa fala, a entrevistada relata sobre a falta de aceitação dos homossexuais na sociedade e especificamente em seu bairro devido ao preconceito. Nota-se a internalização da violência simbólica quando ela diz que se silencia quando algum outro morador salienta que não gostaria que casais homoafetivos vivessem no bairro, de certa forma ela está aceitando tal ponto de vista por omissão.

É discutida a seguir a questão de uma falsa aceitação pela sociedade.

...Eu acho que eles têm muito preconceito ainda. Muito, principalmente quando é na família deles. Quando é fora, tudo é bonitinho, é engraçadinho. Mas, quando vai para a família deles, já era. Entendeu? Eles tem muito preconceito. Eu acho que eles engolem a gente. Muitos deles, não todos.

**E por que você acha que tem esse preconceito?**

Porque eu acho que eles devem achar que a gente agride alguma coisa ou tem medo de deixarem os filhos verem alguma coisa e por ver o filho partir para esse lado. Porque eu acho

assim, não tem nada comprovado, mas eu acho que a gente já nasce com isso. Não tem jeito, entendeu? Eu acho que é por isso (Entrevista de Lésbica seis).

... Eu acho que assim tem muita, muita coisa ainda para melhorar, por mais que a gente. Tem muita hipocrisia também, tipo ah é bonito falar que você é favor, mas na hora que você tem um filho, as coisas mudam. Ah gay é maravilhoso contanto que não seja parente meu, meu vizinho, nem nada, tudo tranquilo. Então assim, acho que tem muita coisa. Eu acho que já melhorou muito, mas tem muita coisa ainda para melhorar. A cabeça das pessoas. Eu acho que não tem que ser forçado, tem que ser uma coisa tranquilo, que isso vai acontecendo aos poucos, já está acontecendo (Entrevista de Lésbica sete).

É importante ressaltar que os relatos acima fazem referência a mesma questão da falsa aceitação ou do preconceito velado que são manifestações da violência simbólica. De certa forma, as pessoas aceitam os não heterossexuais quando não são muito próximos, dentro de suas casas ou nas suas famílias, tal como mencionou a lésbica seis muitos dos heterossexuais apenas toleram os homossexuais. Ela ainda destaca que acredita que essa falta de aceitação está relacionada com um sentimento de agressão e com o medo de que seus filhos se tornem homossexuais, tendo em vista que desqualificam aqueles que fogem à heteronormatividade.

Com relação à questão da violência, invisibilidade, falta de aceitação e família, veja estas falas:

**E antes, você escondia por quê?**

Ah, eu tinha medo, mas medo da minha família, não da sociedade. Minha mãe nunca aceitou

**Não?**

Não. Hoje, ela aceita porque ela tem que aceitar. Se ela vier na minha casa, ela vem, ela senta, ela conversa com ela e tudo. Mas, ela não me pergunta nada pessoal meu. Ela sabe que eu tenho a (nome da companheira). Ela sabe que a gente mora junto. Pergunta por ela, como ela tá. Mas, coisas íntimas, pessoais minhas, elas não pergunta (Entrevista de Lésbica seis).

... Eu acho, é a mesma forma que meu pai tem de enxergar a minha sexualidade, ele não questiona e fica bom para ele do jeito que está por mais que ele saiba porque eu saí do armário para ele (Entrevista de Bissexual Feminina).

Evidencia-se a violência simbólica e o preconceito sutil por parte da mãe da lésbica seis ao buscar não se envolver na vida afetiva e amorosa dela, o que acaba demonstrando uma falsa aceitação, e ainda confere uma invisibilidade negando status de legitimidade a tal relação. Já na passagem da bissexual, pode-se ressaltar a violência simbólica pela invisibilidade que seu pai impõe à sua bissexualidade mesmo ela já tendo assumido sua bissexualidade para o mesmo.

A seguinte análise expressa a violência simbólica e o estereótipo relatados pela bissexual.

Mas teve uma situação foi, foi bem complicado esse dia, uma prima do meu ex-namorado com quem eu morei junto, morei com meu ex-namorado um ano, ela soube que eu era bissexual, a gente já estava junto há um bom tempo. E ela foi conversar com o primo dela, meu ex, e disse para ele que tinha medo de eu traí-lo porque provavelmente eu era uma pessoa, ela falou com todas as letras que provavelmente eu era piranha. Aí ele perguntou porque ela achou “não, porque eu descobri que ela é bissexual, onde já se viu uma mulher direita falar que é bissexual”. Uma menina de 17 anos de idade, mas eu me senti muito ofendida porque antes ela era minha amiga. No momento em que ela soube disso, ela parou de falar comigo e ainda foi falar com o primo dela que o melhor era que a gente se separasse porque eu provavelmente iria traí-lo. Eu acho que a traição não acontece por causa da orientação sexual. E sempre que eu falo “ah eu sou bissexual”.

“Então, você fica com qualquer um”

“Não, eu não fico com qualquer um, eu fico com quem eu quero, seja homem ou mulher, eu fico com a pessoa se eu quiser”.

[...] e esse preconceito que eu passei, para mim, foi o pior, porque eu considerava a menina quase uma amiga, eu já era praticamente da família do meu ex-namorado, quase todo mundo me tratava com todo o carinho do mundo. E eu era a mulher perfeita para ele. Quando

descobriram isso, eu virei uma bruxa de um momento para outro. E eu nunca fiz nada de errado. Eu não traí meu namorado, não fiz nada que pudesse dar motivos para alguém ver que eu era essa bruxa que todo mundo falava (Entrevista da Bissexual Feminina).

A bissexual conta que a prima de um ex-namorado, quando descobriu sua bissexualidade, a criticou fortemente dizendo que ela era uma “piranha”, que ela ficava com qualquer pessoa e, por isso, a agressora cortou relações com a entrevistada também sugerindo que o relacionamento não continuasse. Portanto, a violência simbólica está expressa nesse estereótipo que a sociedade confere à bissexual, de promiscuidade. Cabe destacar quando ela observa que, com a descoberta da bissexualidade, foi considerada uma “bruxa” pela família de seu companheiro mesmo tendo sido fiel em seu relacionamento. Ademais, o impacto dessa violência é relevante para a bissexual que se sentiu ofendida, magoada e, depois, foi excluída pela família desse ex-namorado.

Na sessão seguinte, demonstraremos que tais violências também se dão no mundo do trabalho das homossexuais femininas.

## 5.2 Violência simbólica e trabalho

Iniciaremos esta categoria com a questão da internalização da violência simbólica pelas lésbicas nos seguintes depoimentos.

... Mas é mais uma reação minha com relação a minha sexualidade, eu não gosto de ficar mencionando isso para pessoas que eu não tenho intimidade que eu sei que não vão, às vezes por religiosidade ou até mesmo por conceito de vida, entender e até mesmo aceitar, para evitar sofrer o preconceito, eu prefiro me manter às vezes mais séria com relação a minha sexualidade e não divulgar, não esbravejar. E a reação que eu tenho dentro do ambiente de trabalho, até mesmo na rua, para não ferir as pessoas. Eu acredito que para a gente exigir respeito de alguém, a gente tem que respeitar. Então, para não ferir o sentimento da pessoa, até mesmo a ideologia dela, eu prefiro me manter mais reservada com relação a isso (Entrevista de Lésbica um).

... nunca levantei bandeira, até porque eu respeito a opinião das pessoas. E acho que, no trabalho, você não tem que ter sexo, você tem que trabalhar, pronto e acabou. Sei lá, eu não consigo ver certas coisas que as pessoas fazem. Mas sempre foi muito bom, trabalhei com pessoas de religião assim evangélica, pessoas espíritas, pessoas católicas, que eram tanto a favor, eram contra, eram neutras, não optavam. Todos sempre me tratavam muitíssimo bem. Também nunca choquei ninguém, sempre fiz questão de manter uma certa, as pessoas nem sempre estão preparadas, isso é fato. Sempre mantive uma, mas também não escondia, “Você é? É sua namorada?”  
“É! Mora comigo, junto com a minha mãe. Sempre foi assim (Entrevista de Lésbica dois).

É interessante destacar tanto na passagem da lésbica um quanto na da lésbica dois a internalização da violência simbólica mesmo de modo extremamente sutil, no sentido de adotarem o ponto de vista da sociedade enquanto heteronormativa. Isso é notório na primeira quando ela salienta que não se abre para não ferir as pessoas e para respeitá-las tendo em vista que, com essa atitude, há uma autodesqualificação de sua sexualidade. Já na segunda, essa desqualificação está presente quando ela considera que estará desrespeitando e chocando as pessoas ao expor sua sexualidade e, dessa forma, está contribuindo para a invisibilidade e estigmatização das lésbicas.

Adiante, evidenciamos o caso do não dito de uma profissional de fisioterapia na relação com seus clientes como manifestação de violência.

Para mim, eu acho uma coisa muito complicada, por causa da minha profissão como fisioterapeuta porque assim eu toco nas pessoas, faço massagem. Então assim o público que eu atendo, a maioria são idosos. [...] É complicado, eu acho que é um ponto da minha vida que eu sou mais assim, é essa parte profissional, porque é complicado você ir fazer uma

massagem, as pessoas tem a impressão de repente você pode estar dando em cima, você pode estar olhando. Porque assim, eu atendo meus pacientes, às vezes até mais novos, que ficam de biquíni numa sessão. Eu faço, já fiz, agora nem tanto, porque eu estou mais para idosos. Mas assim, da pessoa estar de biquíni ou então, às vezes, é alguma coisa até no seio, por exemplo, uma mulher mastectomizada, alguma coisa assim. E as pessoas levam muito, às vezes, por esse lado. E esquece, às vezes, o lado profissional e leva por um lado que não tem nada a ver. E ainda mais, no meu caso, que assim eu toco nas pessoas. Então, é uma profissão, que mesmo se eu não fosse. Eu acho que, mesmo se eu não fosse homossexual, já seria complicado. Já é complicado porque assim homem dá em cima. Então já fica aquela coisa. Eu tinha medo de “ah, eu não vou fazer fisioterapia na (nome de Lésbica sete) por causa disso”. E as pessoas começam a achar que colocou a mão assim, você já não precisava ter colocado a mão daquele jeito naquela massagem... (Entrevista de Lésbica sete).

... Mas mesmo quando eu convivia, eu achava assim, as pessoas já sabiam, mas elas não falavam. Isso, eu gosto disso, elas não precisam falar. Eu acho que fica aquela coisa subentendida a (nome da Lésbica sete) é. Com certeza, essa menina que ela trouxe, nessa festinha, é a namorada dela, só que a gente não vai falar nada. Então, super tranquilo... (Entrevista de Lésbica sete).

No primeiro trecho, a entrevistada destaca a grande dificuldade em comentar sobre sua sexualidade no seu trabalho, ela é fisioterapeuta e, dessa forma, tem muito receio de ser estigmatizada profissionalmente, posto que seu trabalho envolve o toque e, algumas vezes, aquele de modo íntimo. Assim, ela acaba demonstrando um receio de ser mal interpretada por algum paciente e que este relacione isso a sua sexualidade. Nota-se a violência simbólica porque numa profissão tão feminina, no sentido do toque e do cuidado íntimo, há um forte preconceito com a lésbica expressando o estereótipo de promiscuidade. Já no segundo trecho, em referência à época que trabalhava em uma clínica, a internalização da violência está expressa em sua postura ao preferir que as pessoas tratem sua sexualidade de forma a contribuir para a invisibilidade o que reforça o tabu em torno das não heterossexualidades. O seguinte depoimento também envolve a questão do não dito:

**As pessoas sabiam?**

Sim, sabiam.

**Em todos os seus trabalhos?**

Em todos. Sempre fui super bem tratada, normal. Mas, lógico, eu não falava. Mas pela convivência, sabia que eu não tinha um caso homem. Eu sempre levava alguém em festa assim, mulher, não homem... Mas, normal, eu nunca tive problema nenhum com isso. [...]

**E você falava que você era?**

Sim, de vez em quando, eu falava, eu sempre falei. Por que não dá para mentir “ah, eu tenho um namorado, hoje eu vou sair”. Eu nunca falei isso, desde criança eu nunca falei isso. Não falava nada. Mas se alguém me perguntasse, eu falaria “eu vou sair com a minha namorada”. Não tenho namorado, tenho namorada.

**E você contava só quando alguém perguntava no caso?**

É.

**Normalmente, você não falaria a respeito?**

Não, mas eu acho que as minhas atitudes também levaram a entender... (Entrevista de lésbica três).

Nota-se, de certo modo, a violência simbólica de modo sutil quando ela não falava sobre sua homossexualidade abertamente mesmo quando estava subentendido que era lésbica e nunca experimentou nenhuma situação de violência direta, todavia a atitude do não dito contribui para a invisibilidade e estigmatização da homossexualidade conferindo o status de tabu e de anormalidade. Ademais a entrevistada também age negando parte de sua identidade.

Há também aquelas situações em que a violência se dá de modo muito sutil e indireto:

... E tem um amigo do meu chefe, que também é cliente, ele é muito gente fina, ele tem gostos parecidos muito comigo, ele é bem *nerd* como eu, então a gente conversa muito. Ele,

outro dia, comentou que ele não via mais novela porque ele achava um absurdo que a globo queria empurrar goela abaixo da gente que é normal esse povo aí indecente ficar namorando gente do mesmo sexo. Nesse dia, como só estava eu, o (nome do citado chefe) e ele dentro da sala, eu falei assim “Olha só, guarda sua opinião para você porque eu sou militante e eu acho o cúmulo você falar isso sem ninguém estar te forçando a fazer nada”.

“Ah, mas é um absurdo, não sei o que, porque eu não tenho que passar por isso, meus filhos não tem que saber que homens namoram com homens”.

“Por quê? Na novela das oito, a gente vive vendo gente quase transando com outro, só porque uma transa heterossexual é normal?”

“Você não entende porque você é mulher, você não entende esse tipo de coisa”.

“Deixa pra lá, só guarda para você sua opinião quando eu estiver por perto”. Depois disso, eu fiquei com muita raiva dele, então tinha certos assuntos que a gente nem conversava (Entrevista de Bissexual Feminina).

Nessa situação de violência, a bissexual narra que um cliente começa a tecer comentário maldosos e homofóbicos sobre os não heterossexuais na mídia, enfatizando que os homossexuais são indecentes, anormais e que ele não gostaria que os filhos soubessem que dois homens podem ter um relacionamento amoroso e afetivo. É notório o incômodo da entrevistada que cita seu lado militante, ela o contra argumenta, diz que se sente com raiva diante desse tipo de situação e, por fim, começa a evitar determinados assuntos com tal cliente. Outra situação de violência indireta é descrita pela lésbica ocorrida no restaurante no qual trabalha.

**E o que você ouviu?**

“Olha lá, eles ficam se beijando lá, se agarrando lá, homem aqui, homem aqui, isso não pode”, chegaram a pedir para parar de ficar beijando aqui na mesa. É um preconceito.

**É. Mas eles estavam se beijando mesmo?**

Estavam se beijando.

**E o que o seu patrão fez?**

Ele pediu para poder parar de ficar se beijando. Para fica comportado, senta aqui, senta ali, fica quietinho ai. Beija não porque tem família e tal. Tem gente que não gosta (Entrevista de Lésbica cinco).

Em seu trabalho, a lésbica destaca já ter presenciado uma situação de violência quando os clientes e o seu patrão no restaurante pediram para que um casal homossexual masculino não trocassem beijos. Não há a descrição exata desses carinhos, contudo nota-se a violência simbólica porque se fosse um casal heterossexual, esse não seria impedido de trocá-los, claro sempre há um limite, em um restaurante ou em qualquer lugar público. É interessante que a lésbica manifesta que tem consciência de se tratar de uma situação de preconceito, também é relevante considerar a fala do patrão pedindo para que os homossexuais não se beijassem, pois se tratava de um restaurante familiar, logo é notório o status de promiscuidade de anormalidade conferido ao ato de beijos entre iguais.

A seguir, destaca-se a respeito de comentários negativos sobre os homossexuais não diretos.

Eu sempre ouço alguns comentários do tipo “fulano é gay”. E comentários ruins às vezes, tipo piadinha, esse tipo de coisa. Isso, a gente ouve em qualquer lugar. Então assim, o que acontece, como muitas pessoas que eu atendo são idosas. Então, para elas, ainda é difícil entrar na cabeça, assim entender isso. Então, é um pouco assim, tem muito essa coisa da religião, como a maioria é idoso, eles são muito religiosos. Então, muitos acham que é pecado que é não sei o que. Assim, como também já ouvi coisas positivas que era a favor e tal. Mas sempre tem um ou outro que tem uma piadinha, uma brincadeirinha, que também já me deixava mais inibida em falar.

**Quando você ouve essas piadinhas.**

Ou comentários.

**Comentários, chacotas, como você se sente?**

Não. Me incomoda um pouco. Mas eu respeito, sabe. Porque assim, dependendo de quem vem aquilo, da onde vem a brincadeira e tal, vamos supor quando é uma pessoa de mais idade assim, como muitos são meus pacientes, eu entendo pela criação que eles tiveram, pelo



contexto da vida deles. Agora, quando é uma pessoa mais nova, que é mais esclarecida e que tem tanta informação, aí já me incomoda um pouco. Muitas vezes, eu defendo a classe. Até tenho que me policiar às vezes porque às vezes eu até exagero. Mas eu falo, eu não fico quieta assim não. Eu falo pela minha opinião que eu sou a favor, que eu isso, que eu aquilo” (Entrevista de Lésbica sete).

De acordo com depoimento acima, perceba a violência simbólica quando a entrevistada conta que ouve comentários maldosos e piadas sobre os gays em vários ambientes e também no trabalho, diz que se sente incomodada diante delas e, geralmente, assume uma postura de defesa do homossexual, principalmente quando os comentários são realizados por pessoas jovens. Ademais, ela relaciona a não aceitação das homossexualidades com pessoas religiosas demonstrando-as como algo errado ou pecado.

Analisaremos outro relato de violência simbólica que envolve restrições de comportamento por meio de uma indireta.

... Hoje, eu trabalho na minha gráfica, meus patrões também são super de boa. A única coisa que o meu patrão me pediu, porque a gente atende uma grande quantidade de pessoas idosas, pessoas evangélicas, então ele nunca me proibiu nada, ele só falou assim “cuidado com algumas coisas que você possa fazer às vezes na loja, se a sua namorada vier te ver e tal, não sei o que”. Falei “não, isso aí, você não precisa se preocupar... (Entrevista de Lésbica dois).

Pode-se evidenciar a violência simbólica por parte do superior da homossexual feminina ao pedir que ela tomasse cuidado, caso a namorada fosse à loja vê-la, provavelmente o superior estava se referindo a algum tipo de carinho ou a algum comentário que as duas talvez pudessem fazer. A violência simbólica está expressa nessa atitude dele que provavelmente não faria o mesmo tipo de norma ou aviso de comportamento com um funcionário heterossexual.

Outro modo de exclusão do homossexual no trabalho está relacionado com o tratamento diferente que os colegas lhe propiciam.

Com relação aos héteros, que me acompanhavam no trabalho durante esse percurso, eu tive uma relação muito tranquila com eles. Lógico que eles me viam com determinada reticência, com estereótipo lésbico no caso. Mas sempre foi uma relação muito amigável, muito tranquila assim que demonstravam para mim uma tranquilidade e aceitação. Eu nunca vi nenhum resquício, nenhum gesto de ressentimento, preconceito mesmo com relação a minha sexualidade.

**Quando você fala que você via uma certa reticência, o que seria isso?**

Mais pelo estereótipo né, porque alguns héteros, principalmente pessoas mais velhas, eles veem estereótipo da lésbica como a sapatão, a bolachona. Então, eles têm uma visão adquirida com um olhar diferente do que a minha geração tem. Em relação a pessoas da minha geração, sempre foi uma convivência muito tranquila, nunca demonstraram, para mim, nenhum tipo de preconceito. É brincadeira mesmo, sabe, perguntam muito, questionam muito “como que é? Você já gostou de homem? Já namorou homem?” Isso, eles perguntam mais, mais as pessoas um pouco mais velhas que me perguntam isso... (Entrevista de Lésbica um).

Na passagem acima, a entrevista diz que nunca vivenciou nenhuma situação de preconceito, contudo nota-se, de certa maneira, a violência simbólica por meio de um preconceito sutil quando ela sentia que as pessoas, principalmente pessoas mais velhas, a viam de modo diferente com o estereótipo de “sapatão”, até mesmo pelas perguntas que eles faziam sobre sua sexualidade, está implícita aquela questão de que ela pode ser lésbica em virtude de não ter tido nenhum contato mais profundo ou intenso com algum homem.

Por fim, em face das violências, os não heterossexuais podem agir de modo a exaltar o profissionalismo e suas competências:

Mas, rola meio que um medo, eu acho até por isso muitos homossexuais são muito bons no que eles fazem porque eles têm que se destacar. Porque tem um preconceitozinho na verdade, eu acho que tem, fala que não, mas tem. Eu acho que com homem é até pior às vezes. Eu acho que assim, depende, às vezes o cara é muito afeminado ou a mulher é muito masculina, aí é pior, então vai muito do jeito. Mas, tem tá, por isso que eu acho que os gays, na maioria das vezes, quando eu falo *gays*, homens e mulheres, eles se destacam, você pode ver que assim eles são muito esforçados, eu acho isso, não é porque eu sou. Porque eu reparo, você não tem que ser só bom, você tem que ser muito bom, porque a pessoa vai querer você mesmo que você fale com uma voz fina, mesmo que você. Então, ele vai querer aquele profissional, porque ele manda bem, porque ele é isso, ele é aquilo. Você está entendendo o que eu estou falando? Então, eu acho que isso que é uma coisa bem bacana (Entrevista de Lésbica sete).

A lésbica destaca até mesmo como uma forma de superar a discriminação e a não aceitação no trabalho, a busca pela excelência profissional. Isso ainda tende a ser mais intenso no caso daqueles que fogem aos papéis definidos socialmente aos gêneros como homossexuais efeminados e lésbicas masculinizadas. A violência simbólica também está expressa no fato do não heterossexual ter de demonstrar alta competência e profissionalismo visando ser aceito e garantir seu emprego. Já na sessão seguinte, traremos algumas considerações sobre a pesquisa.

## 6. Considerações Finais

O objetivo do presente trabalho foi analisar as vivências de lésbicas e de uma bissexual no trabalho com base na perspectiva da violência simbólica. Para tal, recuperamos as pesquisas já realizadas com foco em diversidade sexual, discorremos sobre a violência simbólica, as não heterossexualidades e a homossexualidades femininas. Assim, entrevistamos setes lésbicas e uma bissexual, e tratamos os dados por meio da análise de conteúdo qualitativa temática.

Em um contexto geral nesta pesquisa, destacamos a violência simbólica por meio do estereótipo de promiscuidade conferido à bissexual, pela questão de uma melhor aceitação da homossexualidade feminina ao mesmo tempo vista como objeto de fetiche masculino, pelo preconceito diante dos relacionamentos lésbicos, pela invisibilidade atribuída a essas mulheres e pela não aceitação daqueles que fogem ao padrão heterossexual valorizado. Considerando o contexto laborativo, notamos que as manifestações de violências simbólicas vivenciadas pelas lésbicas são extremamente sutis, inclusive tendo em vista que a maioria delas diz não ter vivenciado nenhuma situação de discriminação direta ou cruel no trabalho. Tais manifestações ocorrem como no caso da internalização do ponto de vista que desqualifica os não heterossexuais, avisos relacionados com normas de comportamento, o agir pelo “não dito”, algumas questões e indiretas que remetem aos estigmas das não heterossexualidades e àqueles associados às homossexuais femininas. Esses estigmas demonstram a homossexualidade associada com algo anormal, errado, promíscuo e também evidencia as lésbicas como objetos do desejo masculino ou até mesmo como mulheres que não tiveram um contato profundo com algum homem, assim tal preconceito demonstra ser lésbica como uma segunda opção e que não expressasse quem são.

Diante de tais violências, é importante uma discussão crítica tanto na sociedade quanto no meio acadêmico em administração e nas organizações visando uma real aceitação e inclusão das diversidades nos diversos âmbitos sociais sendo necessário para isso uma reflexão em torno dos padrões socialmente valorizados.

## Referências

BARDIN. L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

- BORILLO, D. Homofobia - história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, Autêntica: 2010.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FERREIRA, R.C.; SIQUEIRA, M.V.S. O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 31, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007.
- GARCIA, A.; SOUZA, E. M. Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, 44 (6): 1353- 1377, Nov./Dez. 2010
- GOMIDE, S. Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugualidades, parientalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. (Orgs). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São
- IRIGARAY, H. A. A. Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 31, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007.
- IRIGARAY, H. A.; FREITAS, M. E. Sexualidade nas organizações brasileiras: estudos sobre lésbicas no ambiente de trabalho. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 33, 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo:ENANPAD, 2009.
- IRIGARAY, H. A. Identidades sexuais não-hegemônicas: a inserção dos travestis e transexuais no mundo do trabalho sobre a ótica *queer*. In: Encontro de Estudos Organizacionais, 06, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPAD, 2010.
- IRIGARAY, H. A.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Humor e discriminação por orientação sexual no trabalho. *Revista de Administração Contemporânea*. Curitiba, 14 (5): 890 – 906. Set/Out. 2010.
- MEIHY, J. C. S.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NAVARRO-SWAIN, T. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PICAZIO, C. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- ROSA, A. R.; BRITO, M. J. Ensaio sobre a violência simbólica nas organizações. *Organizações e Sociedade*. Salvador: 16(51): 629-646. Out./Dez. 2009
- SIQUEIRA, M. V. S.; ZAULI-FELLOWS, A. Diversidade e identidade gay nas organizações. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*. Recife: 4 (3): 70-81. Nov./Dez, 2006.
- SIQUEIRA, M.V.S.; SARAIVA, L.A.S.; CARRIERI, A.P.; LIMA, H. K. B.; ANDRADE, A. J. A. Homofobia e violência moral no trabalho no distrito federal. *Organizações e Sociedade*. Salvador: 16 (50): 447-461. Jul./Set., 2009
- SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. As categorias identitárias que (re)produzem discriminações: estudo da discriminação exercida por gays. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 34, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2010.
- TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA, F. S. Apontamentos sobre a construção socio-histórica de estigmas e estereótipos em relação ao homoerotismo entre mulheres. *Revista de Psicologia da UNESP*. Assis: 10 (1): 39-61. 2011.
- TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA, F. S. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: 10 (3): 729-749. Set./Dez. 2010.